

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABELI CRISTINA GOMES MESQUITA

**VARIÁVEL GÊNERO COMO ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE PESCA DO
CARANGUEJO UÇÁ (UCIDES CORDATUS) EM UMA COMUNIDADE DO
COMPLEXO ESTUARINO DE PARANAGUÁ**

PONTAL DO PARANÁ

2017

ISABELI CRISTINA GOMES MESQUITA

**VARIÁVEL GÊNERO COMO ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE PESCA DO
CARANGUEJO UÇÁ (UCIDES CORDATUS) EM UMA COMUNIDADE DO
COMPLEXO ESTUARINO DE PARANAGUÁ**

Monografia apresentada como requisito parcial á
obtenção do grau de bacharel em Oceanografia,
Setor de Ciências da Terra, Centro de Estudos do
Mar, Universidade Federal do Paraná.

Prof. Dr. Rodrigo Pereira Medeiros

Prof. Msc Melina Chiba Galvão

PONTAL DO PARANÁ

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE:
UFPR / SiBi - Biblioteca do Centro de Estudos do Mar
Líliam Maria Orquiza – CRB 9/712

M582f Mesquita, Isabeli Cristina Gomes
Variável gênero como análise das estratégias de pesca do caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) em uma comunidade do Complexo Estuarino de Paranaguá. / Isabeli Cristina Gomes Mesquita. – Pontal do Paraná, 2017.
49 f.: il., 29 cm.

Orientadores: Prof. Dr. Rodrigo Pereira Medeiros e Profª Msc. Melina Chiba Galvão.

Monografia (Graduação) – Curso de Oceanografia, Centro de Estudos do Mar, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná.

1. Gênero na pesca. 2. Pesca de caranguejo. 3. Estratégias de pesca. 4. Mulher na pesca. 5. Diversificação I. Título. II. Medeiros, Rodrigo Pereira. III. Galvão, Melina Chiba. IV. Universidade Federal do Paraná.

CDD 595.3842

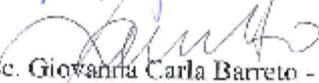
TERMO DE APROVAÇÃO

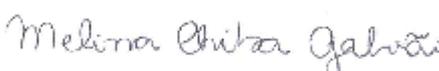
Isabeli Cristina Gomes Mesquita

**“VARIÁVEL GÊNERO NA PESCA DE CARANGUEJO UÇÁ
(UCIDES CORDATUS): ESTRATÉGIAS DE PESCA EM UMA
COMUNIDADE DO COMPLEXO ESTUARINO DE PARANAGUÁ.”**

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Oceanografia, da Universidade Federal do Paraná, pela
Comissão formada pelos professores:


Prof. Dr. Rodrigo Pereira Medeiros


MSc. Giovanna Carla Barreto - UTPR


MSc. Melina Chiba Galvão - IFSC
Presidente

Portal do Paraná, 04/12/2017

RESUMO

O presente estudo teve como finalidade analisar, sob a perspectiva de gênero, a pesca de caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) em uma comunidade localizada na porção norte do Complexo Estuarino de Paranaguá, em busca de pistas para entender como o gênero influencia as estratégias de pesca utilizadas por homens e mulheres. A análise foi feita a partir do método de triangulação de dados com a utilização de dados obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, observação participante e grupo focal. Os resultados obtidos demonstram que a pesca de caranguejo é praticada por homens e mulheres e a técnica do lacinho é a mais utilizada pelas famílias da comunidade. O conhecimento da distinção das tocas de machos e fêmeas é disseminado de forma semelhante por pescadoras e pescadores e se mostrou muito eficiente. Como o acompanhamento da pescaria foi realizado em caráter experimental, com baixo número de observações, não permitiu uma potencial análise de gênero sobre o desenvolvimento da técnica da armadilha. No entanto, ofereceu indicativos de resultados diferentes por gênero relativos à eficiência de pesca e corrobora com estudos que mostram que os conhecimentos e práticas de homens e mulheres também são influenciados pela construção social. Ainda, como os papéis exercidos por homens e mulheres na comunidade são distintos, influenciam diretamente na sua participação na cadeia produtiva da pesca. Estudos tem enfatizado que é indispensável incluir a variável gênero nas pesquisas para o reconhecimento integral dos modos de vida das comunidades pesqueiras. Portanto, a abordagem de gênero, ao envolver atrizes e atores da comunidade com conhecimentos, perspectivas, necessidades e interações distintas, oferece outros elementos que podem contribuir para uma gestão eficiente, com políticas mais consistentes e efetivas.

Palavras-chave: gênero na pesca – pesca de caranguejo – estratégias de pesca – mulher na pesca – diversificação.

ABSTRACT

The aim of the present study was to analyze, under the gender perspective, the fishery of the Uçá crab (*Ucides cordatus*) in a community located in the northern portion of the Paranaguá Estuary Complex, in search of clues to understand how gender influences the fishing strategies used by men and women. The analysis was done using the data triangulation method with the use of data obtained through semi-structured interviews, participant observation and focus group. The results demonstrate that the crab fishery is practiced by men and women, and the 'lacinho' trap technique is the most used by the families of the community. The knowledge of the distinction between male and female crab burrows is similarly disseminated by fisherwomen and fishermen and has proved very efficient. As the fishery monitoring was carried out experimentally, with a low number of observations, it did not allow a potential gender analysis on the development of the trap technique. However, it has provided indicatives of different by gender relative to fishing efficiency and corroborates with studies that show that the knowledge and practices of men and women are also influenced by social construction. Also, since the roles played by men and women in the community are distinct, they directly influence participation in the fishing productive chain. Studies have emphasized that it is indispensable to include gender variable in research for the integral recognition of the livelihoods of fishing communities. Therefore, the gender approach, by involving actresses and actors of the community with different knowledge, perspectives, needs and interactions, provides other elements for efficient management, with more consistent and effective policies.

Keywords: gender in fishing - crab fishery – fishing strategies - woman in fishing - diversification.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 METODOLOGIA	11
3.1 ÁREA DE ESTUDO	11
3.2 OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES	13
3.2.1 ENTREVISTAS.....	13
3.2.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	13
3.2.3 GRUPO FOCAL.....	14
3.3 ANÁLISE DE DADOS.....	15
4 RESULTADOS	15
4.1 PERFIL DAS UNIDADES FAMILIARES	15
4.2 PESCA DE CARANGUEJO	19
4.2.1 DINÂMICA DA SAFRA	23
4.2.2 DESCRIÇÃO DA PESCA COM A TÉCNICA DO LACINHO.....	25
5 DISCUSSÃO	35
5.1 GÊNERO NA ESTRATÉGIA DE PESCA E NA DIVERSIFICAÇÃO	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7 REFERÊNCIAS	42
ANEXO A	45
APÊNDICE A	48

1 INTRODUÇÃO

O consumo mundial de pescados tem crescido substancialmente nas últimas décadas. A produção destinada para consumo humano direto aumentou de 67% na década de 1960 para 87% em 2014 (FAO, 2016), o equivalente a mais de 146 milhões de toneladas. A pesca em âmbito global caracteriza-se como uma atividade de grande importância socioeconômica (FARACO et al., 2016); neste contexto, a pesca de pequena escala é muitas vezes responsável pelo abastecimento interno dos produtos pesqueiros. No Norte e Nordeste do Brasil, sua contribuição é de aproximadamente 70% do total da produção pesqueira brasileira (MANESCHY, 2000).

Além de abastecer o mercado interno, a pesca artesanal contribui para a erradicação da pobreza e segurança alimentar ao proporcionar renda, alimento e emprego para milhões de pessoas. Ela emprega 90% do total de pessoas envolvidas na captura de recursos pesqueiros (FAO, 2016). Esta atividade é influenciada por diversos fatores, e cada vez mais a vulnerabilidade da pesca artesanal às mudanças sociais e ambientais é reconhecida, pois afeta os modos de vida das comunidades pesqueiras. Os “modos de vida” incluem todos os componentes da forma de viver do indivíduo ou família, considerando as atividades realizadas, os capitais (natural, físico, humano, financeiro e social) e disponibilidade dos mesmos, reconhecendo também suas estratégias e vulnerabilidades (ALLISON; ELLIS, 2001).

Diante desse contexto de aceleradas transformações, torna-se imprescindível o desenvolvimento de habilidades de adaptação (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012; FAO, 2016) e a diversificação de atividades torna-se uma estratégia-chave (THORPE et al., 2014).

No litoral paranaense a pesca artesanal é uma atividade importante no setor regional, e é caracterizada por uma grande variedade de modalidades de pesca (MAFRA, 2012, FARACO et al., 2016). As comunidades que habitam a região norte do Complexo Estuarino de Paranaguá (CEP) encontram-se dentro ou no entorno de Unidades de Conservação (UC), e suas atividades extrativistas são dependentes dos recursos pesqueiros localizados no interior do CEP, mais especificamente dos recursos dos manguezais (FARACO et al., 2016).

O manguezal é um ecossistema com papel fundamental na pesca em regiões estuarinas, pois fornece variados recursos e serviços ecossistêmicos, destacando-se

as funções de recuperação e manutenção dos estoques. Diante da crise no setor pesqueiro, revelada com a queda de recursos de interesse comercial (PAULY et al., 1998; MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012; FARACO et al., 2016), esse ecossistema passa a ser cada vez mais importante para a atividade pesqueira. Além disso, no contexto atual de incertezas sobre os efeitos causados pelas mudanças climáticas globais, os manguezais estão entre os ecossistemas costeiros mais ameaçados (VALIELA; BOWEN; YORK, 2001).

Apesar de conhecidos por sua eficiente capacidade adaptativa, ações humanas podem modificar a capacidade de resposta dos manguezais de maneira positiva ou negativa (ALONGI, 2008). Como a permanência das comunidades de regiões estuarinas está diretamente relacionada à qualidade do ecossistema de manguezal, é de suma importância desenvolver ações que possibilitem o manejo dessas áreas, mantendo simultaneamente sua capacidade adaptativa e os modos de vida das comunidades locais.

Ainda, estudos apontam a importância do ecossistema de manguezais para as práticas exercidas principalmente pelas mulheres, e relatam que padrões de gênero foram encontrados ligados a espécies-alvo e locais de pesca. Esses padrões podem ser reflexo dos papéis sociais que homens e mulheres assumem na comunidade (KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014; TORRE-CASTRO et al., 2017).

É necessário, portanto, analisar a pluralidade de atividades praticadas por atrizes e atores das comunidades pesqueiras e como cada um deles interage com o ecossistema no contexto da reprodução dos modos de vida (KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014; MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). Para compreender tais comunidades e sua economia se faz necessária uma análise da pesca a partir da perspectiva de gênero, que consiste em observar como homens e mulheres interagem com o recurso (BENNET, 2005). Diferente do conceito de sexo, que remete às características biológicas e fisiológicas que distinguem homens e mulheres, por gênero entende-se as qualidades e características femininas e masculinas culturalmente construídas e socialmente atribuídas a cada sexo (FAO, 2012; MMA, 2013).

Mesmo com o crescimento do número de pesquisas que abordem a pesca sob a perspectiva de gênero, dados que apresentem as práticas realizadas por mulheres e seu papel na comunidade ainda são escassos, o que dificulta uma análise de gênero consistente (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012; KLEIBER;

HARRIS; VINCENT, 2014). Essa escassez não está relacionada à ausência das mulheres na atividade, uma vez que elas fazem parte de aproximadamente metade da mão de obra da pesca artesanal, principalmente no setor de beneficiamento e comércio (FAO, 2016). No entanto, essa ausência de informações, muitas vezes é justificada por métodos de amostragem falhos para as questões específicas de gênero.

Diversas pesquisas indicam que as atividades femininas tendem a ser multidirecionadas, o que envolve a conciliação de trabalhos domésticos não remunerados (atividades reprodutivas) com atividades remuneradas, enquanto as masculinas são mais centradas em atividades produtivas remuneradas. Essa multidirecionalidade de tarefas, em muitos casos acentua a invisibilidade das mulheres como profissionais da pesca (MANESCHY, 2000). Em que, até mesmo as mulheres pescadoras normalmente não se reconhecem como pescadora.

Por trabalho produtivo entende-se aquele realizado por mulheres e homens para ser pago em dinheiro ou em espécie (FAO, 2012). Na prática, o trabalho produtivo pode ou não ser remunerado. Já o trabalho reprodutivo é aquele responsável pela manutenção e reprodução da força de trabalho produtivo - ou seja, está atrelado ao cuidado e manutenção das forças de trabalho da unidade familiar. Implica, portanto, na responsabilidade pela criação e educação de crianças e no desempenho das tarefas domésticas. O trabalho reprodutivo é majoritariamente realizado por mulheres e usualmente não-remunerado (FAO, *op. cit.*).

Ainda, apesar da continuada presença de mulheres em várias etapas da cadeia produtiva (KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014; BENNETT, 2005), o reconhecimento do trabalho realizado por elas no setor pesqueiro e, principalmente, o reconhecimento como pescadoras, é recente no Brasil e em outros países (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). Além disso, o conceito de pesca normalmente está centrado exclusivamente nas atividades da cadeia produtiva correspondentes à captura embarcada. Tal condição reforça a ideia de que a pesca é uma atividade de domínio puramente masculino. (MOTTA-MAUÉS, 1999). E mesmo que haja registro da atuação de mulheres embarcadas, principalmente no “mar de dentro” (no interior de baías e estuários) (WOORTMANN, 1991; KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014; GERBER, 2013), essa geralmente não é caracterizada como sua atividade principal (GALVÃO, 2013).

Dentre as pescarias com expressiva atuação da mulher no CEP está a pesca do caranguejo. A extração do caranguejo Uçá (*Ucides cordatus Linnaeus, 1763*) é a principal atividade econômica em algumas comunidades do CEP. Ela é considerada por alguns pescadores como uma pescaria certa comparada com a safra do camarão, por exemplo. Por pescaria certa entende-se aquela que gera renda garantida. A safra do caranguejo-uçá ocorre de dezembro a março no litoral paranaense, tendo o lacinho (armadilha) como a técnica de captura mais utilizada pelas comunidades de Guaraqueçaba (PAULA, 2014).

A pesca com o lacinho foi trazida do Rio de Janeiro há cerca de 20 anos e teve grande aceitação pelos pescadores, devido principalmente às melhorias nas condições de trabalho no mangue. É uma técnica muito utilizada por homens e mulheres (PAULA, 2014) mesmo sendo proibida pela Lei Estadual nº 180/02 e Portaria do IBAMA nº 52/03, o que gera conflitos entre comunidade pesqueira e gestores.

Dentro do cenário descrito acima, o presente estudo propõe-se a analisar a pesca do caranguejo a partir da perspectiva de gênero, buscando identificar padrões nas estratégias de pesca realizadas por pescadoras e pescadores. A pesquisa também busca entender de que maneira a inclusão e análise do papel da mulher nesta pescaria pode oferecer subsídio para apoiar a gestão pesqueira nas tomadas de decisão.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a influência do gênero (papeis sociais atribuídos a homens e mulheres) na construção de estratégias de pesca do caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) na comunidade do Tromomô (Guaraqueçaba-PR) a fim de entender quais fatores promovem maior diversidade de estratégias de pesca.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as atividades exercidas por homens e mulheres na comunidade do Tromomô;
- Descrever como a técnica de pesca é empregada nos dois acompanhamentos da pesca de caranguejo;
- Analisar como o gênero pode influenciar na diversificação das estratégias de pesca.

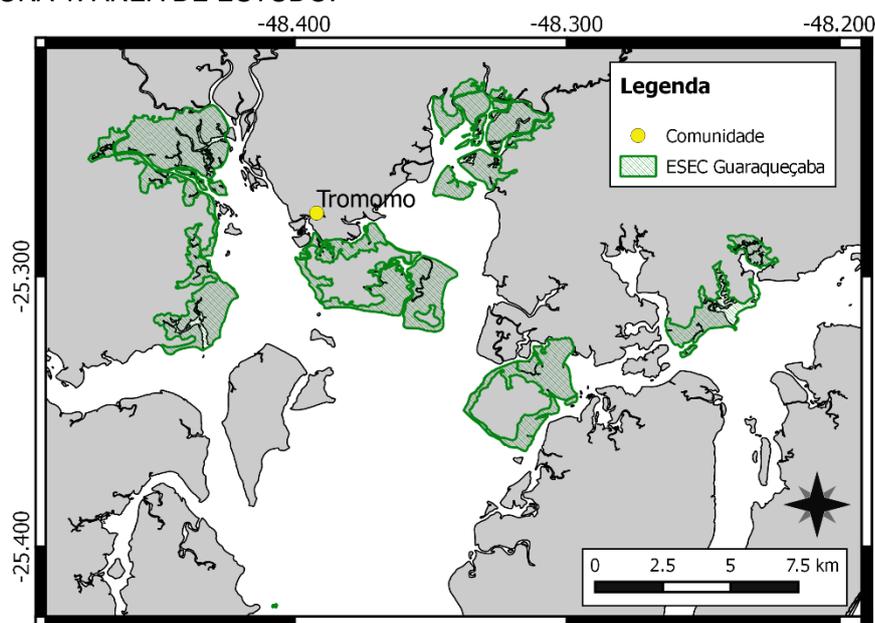
3 METODOLOGIA

3.1 ÁREA DE ESTUDO

O Complexo Estuarino de Paranaguá (CEP) tem uma área de aproximadamente 612 km² e apresenta ambientes diversos como planícies de maré, baixios, ilhas, costões rochosos, marismas, rios de maré (gamboas) e manguezais (NOERNBERG; LANA, 2002). O ecossistema manguezal representa 182km² da área total do CEP e representa uma das principais fontes de renda para as comunidades pesqueiras (FARACO et al., 2016).

Na porção norte do CEP, no município de Guaraqueçaba, a pesca é majoritariamente de pequena escala e prioritária para grande parcela da população (MAFRA, 2012). Segundo dados do extinto Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, 2011), neste município estão registrados 2.150. A pesquisa ocorreu no Tromomô (FIGURA 1), comunidade fortemente dependente da pesca, atividade que representa a única fonte de renda em 40% dos domicílios (FARACO et al., 2016). Essa comunidade atua apenas no interior da baía e possui práticas de extração de recursos pesqueiros diversificadas (MAFRA, 2012), com destaque para a pesca de camarão e caranguejo na composição da renda familiar (FARACO et al., 2016).

FIGURA 1. ÁREA DE ESTUDO.



Fonte: Elaborado pela autora a partir do mapeamento feito por PAULA (2014).

O município de Guaraqueçaba tem um total de 7871 habitantes, e 66% deles correspondem as populações rurais (IPARDES, 2017). A comunidade do Tromomô tem um total de 31 domicílios (FARACO et al., 2016), e o acesso ocorre somente por mar através de embarcações particulares. Esta comunidade apresenta grandes discrepâncias de renda entre os domicílios e tal desigualdade se repete nas vilas com semelhante diversificação de atividades (FARACO et al., 2016).

Atualmente o município de Guaraqueçaba está classificado como o município mais pobre do litoral paranaense, com IDH de 0,587 (IPARDES, 2017). Por outro lado, abriga grande riqueza natural e o maior remanescente de Floresta Atlântica no Paraná, totalizando 80,9% (SOS Mata Atlântica, 2016). Tratando-se de uma região importante para ações de conservação no litoral paranaense possui quatro Unidades de Conservação (UC's) federais que cobrem uma área total de 354.856,2 hectares (base geográfica do ICMBio) do município. O Tromomô está sob influência de duas UC's principais: a Estação Ecológica de Guaraqueçaba (ESEC), unidade de proteção integral; e a Área de Proteção Ambiental (APA), de uso sustentável.

3.2 OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES

As informações presentes neste estudo foram obtidas através de 3 métodos de pesquisa distintos: entrevistas semiestruturadas, observação participante e grupo focal. Esses 3 métodos estão descritos nos itens abaixo.

3.2.1 ENTREVISTAS

Os dados socioeconômicos sobre a comunidade do Tromomô fazem parte do banco de dados do Núcleo de Estudos em Sistemas Pesqueiros e Áreas Marinhas Protegidas (NESPAMP) do Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná (CEM/UFPR). Esses dados foram obtidos por meio de questionários aplicados em pesquisa de campo no mês de setembro de 2015 pelo NESPAMP (ANEXO A) em parceria com gestores da ESEC de Guaraqueçaba do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) e comunitários.

A metodologia aplicada foi baseada no programa SocMon (*Global Socioeconomic Monitoring Initiative for Coastal Management*), que é uma estratégia de planejamento e monitoramento socioambiental participativo orientado para a gestão costeira (BUNCE et al., 2000). O programa SocMon é composto por 4 etapas: atividades preparatórias para o monitoramento > planejamento e reconhecimento > coleta de dados > análise final de dados. Todas as etapas foram executadas com ampla participação.

O roteiro das entrevistas foi subdividido para coletar informações de cada unidade familiar a respeito dos modos de vida, renda, diversidade de pescarias e características sobre a pesca do caranguejo. Foram entrevistadas 30 unidades familiares, de um total de 31 domicílios. Após análise e sistematização dos dados, os resultados foram apresentados e validados pela comunidade em reunião devolutiva.

3.2.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante permite a quem observa/pesquisa uma maior aproximação dos atores sociais, empenhando-se para que se sintam confortáveis com sua presença e realizem suas atividades como de costume. É imergir no ambiente natural do estudo, participar das situações, e ao mesmo tempo coletar informações

detalhadas do cotidiano (IACONO, BROWN, HOLTHAM, 2009). Brandão (2007) avalia a participação com duplo sentido, onde além de participar da rotina, o pesquisador atua executando atividades junto aos sujeitos da pesquisa.

Em conformidade com esta abordagem foram elaborados diários de campo, com registro escrito das conversas informais e também de todo o acompanhamento da pesca de caranguejo durante seis dias não consecutivos; três deles realizados em dezembro de 2015 e os demais em fevereiro de 2016. O acompanhamento desta pescaria foi realizado em um primeiro momento com pescadora e sua filha e, no segundo momento, com um pescador.

3.2.3 GRUPO FOCAL

Como os espaços de discussão com a temática pesqueira na maioria das vezes são ocupados majoritariamente por homens, e também pelo fato dos questionários socioeconômicos terem sido respondidos em sua maioria por homens, decidiu-se realizar um grupo focal somente com a presença das mulheres. Soma-se a isso a observação de que em espaços onde os gêneros são mistos, a fala tende a ser predominantemente masculina (FRASER, 1992).

O grupo focal foi realizado no dia 28 de agosto de 2017 e contou com a presença de 16 mulheres da comunidade. A dinâmica foi subdividida em duas sessões principais (APÊNDICE A) a fim de se obter informações sobre 1) as atividades realizadas na comunidade e 2) as atividades específicas da pesca de caranguejo (TABELA 1). Esse método proporciona um ambiente de troca de conhecimento, troca de experiências e reflexão sobre os temas abordados. A interação entre as participantes favoreceu a repercussão das discussões levantadas pelo grupo a partir das perguntas iniciais propostas pela pesquisadora.

TABELA 1. DIVISÃO E OBJETIVOS DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE A APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE PESQUISA GRUPO FOCAL.

SESSÃO	OBJETIVOS
1 - Atividades produtivas e reprodutivas	Descrever temporalmente as atividades realizadas e as relações de gênero nelas envolvidas, identificando a participação e funções exercidas por homens e mulheres.
2 - Pesca de caranguejo	Descrever a safra da pesca de caranguejo a partir da perspectiva das mulheres sobre essa pescaria, apresentar as estratégias realizadas por homens e mulheres; qualificar os elementos observados no acompanhamento da pescaria; identificar quais os manguezais mais utilizados e identificar os possíveis? fatores que influenciam nas diferentes estratégias.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados qualitativos foi feita a partir da metodologia de análise de conteúdo. Foram analisados os registros de campo, que foram compostos por diálogos informais, observação da pescaria e ata do grupo focal. Os dados quantitativos, obtidos através das entrevistas semiestruturadas, foram analisados por meio de estatística descritiva básica.

A estratégia de análise com a combinação dos resultados obtidos pelos três diferentes métodos de coleta de informações, foi baseada no método de triangulação de dados. Essa análise permite que a pesquisa seja explorada sob diferentes perspectivas, com riqueza de informações e também maior consistência dos resultados (MARCONDES; BRISOLA, 2014).

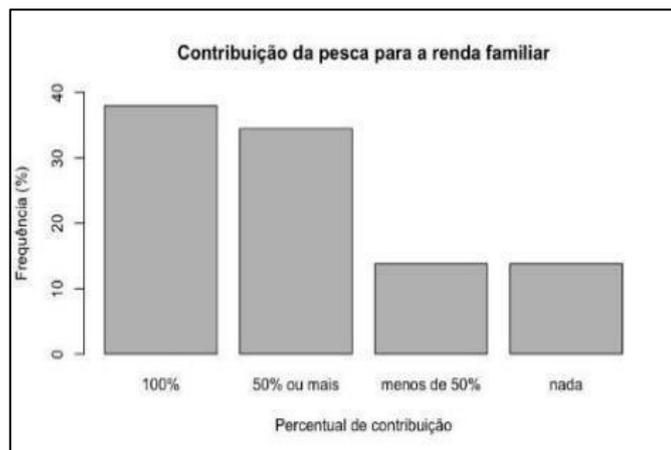
4 RESULTADOS

4.1 PERFIL DAS UNIDADES FAMILIARES

Das 30 unidades familiares entrevistadas, 70% consideram a pesca como principal atividade realizada pela comunidade do Tromomô. Esta atividade contribui

de maneira significativa na renda de grande parte da comunidade e foi apontada como única fonte de renda para 37% das famílias entrevistadas (FIGURA 2). A renda das famílias é composta por uma variedade de fontes: aposentadoria (17%), Programa Bolsa-Família (10%), cargos públicos (13%) e comércio (10%).

FIGURA 2. PERCENTUAL DA RENDA PROVENIENTE DA PESCA POR UNIDADE FAMILIAR.



A própria atividade pesqueira apresenta variedade porque diversos recursos são explorados, característica também descrita por Mafra (2012). Entre as espécies pescadas destacam-se o camarão, caranguejo, pescadinha e tainha, recursos mais citados pelos entrevistados.

As safras são distribuídas ao longo do ano e orientam as atividades da comunidade, envolvendo homens e mulheres em toda a cadeia produtiva da pesca (FIGURA 3). Observou-se maior presença de homens nas atividades de captura, com maior disparidade entre os gêneros nas capturas de espécies de peixes e camarão. A maior participação das mulheres acontece nas etapas de pré-captura, ou seja, nas atividades de confecção/manutenção do petrecho e preparação do material para o dia da pescaria, e pós-captura, que consiste na limpeza e processamento do recurso.

FIGURA 3. CALENDÁRIO DAS PRINCIPAIS PESCARIAS REALIZADAS NA COMUNIDADE DO TROMOMÔ, PARA AS PRINCIPAIS PESCARIAS CITADAS DURANTE O GRUPO FOCAL. PICTOGRAMA AMARELO = HOMEM; PICTOGRAMA AZUL = MULHER. PONTILHADOS VERDES = PERÍODO DE CAPTURA; PONTILHADOS VERMELHOS = CONFEÇÃO PETRECHO (CARANGUEJO) E COLHEITA DA MUDA (OSTRA).



Atualmente, apesar das mulheres terem menor representatividade em atividades de captura em comparação aos homens, como mostra a FIGURA 3, não significa que elas não participem desta etapa da cadeia produtiva. De modo igual, os homens participam também das atividades de pre e pós-captura.

A participação mais expressiva das mulheres na etapa de captura se dá na pesca de caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*), pescaria de grande importância para geração de renda das famílias do Tromomô e demais comunidades pesqueiras da região (TABELA 2).

TABELA 2: NÚMERO DE UNIDADES FAMILIARES (UF) EXISTENTES EM CADA LOCALIDADE, NÚMERO TOTAL DE FAMÍLIAS ENTREVISTADAS (UE), E PERCENTUAL DE UNIDADES FAMILIARES ENTREVISTADAS QUE DEPENDEM DA CAPTURA DO CARANGUEJO EM 4 COMUNIDADES DO COMPLEXO ESTUARINO DE PARANAGUÁ (%CARANGUEJO).

Comunidades	UF/UE	%Caranguejo
Almeida*	84/78	93%
Ilha Rasa*	44/7	100%
Ponta do Lanço*	13/10	77%
Tromomô	31/30	97%

*Informações extraídas do banco de dados do Núcleo de Estudos em Sistemas Pesqueiros e Áreas Marinhas Protegidas (NESPAMP-CEM/UFPR)

Essa pescaria, que ocorre apenas durante 3 meses e 15 dias, faz com o que o envolvimento familiar ocorra de maneira intensa, com a atuação de homens e mulheres, inclusive com a participação de crianças, especialmente por acontecer no período de férias escolares.

Na comunidade do Tromomô, algumas mulheres ainda atuam em uma diversidade de pescarias, entretanto a maior parte do grupo alega não mais participar das atividades de captura. Este afastamento, segundo as mulheres entrevistadas, está relacionado ao esforço exigido pela atividade. Entende-se que esse esforço não envolve somente a etapa de captura, mas sim a sobrecarga causada pela variedade de tarefas realizadas diariamente pelas mulheres.

Além de desenvolverem atividades diretamente relacionadas ao sistema produtivo, as mulheres, geralmente, também são as únicas responsáveis pelo trabalho reprodutivo. Portanto, no dia-a-dia, sua atuação na pesca não inicia com a saída para mar e não termina com a sua chegada.

“Eu falando por mim, quando era nova, acordava cedo, fazia café, ia pro mangue, voltava, e os homens tudo tava pronto. E a gente ainda voltava, fazia o ‘petrecho’, limpava a casa [...]. Agora os homens, não, chega e já tá tudo pronto. Depois que meu guri cresceu e foi trabalhar com o pai, eu não trabalhei mais”

(Grupo focal - fala 1)

Ao assumirem sozinhas a responsabilidade por múltiplas tarefas, dentro e fora da comunidade, as mulheres possibilitam aos homens mais tempo e disposição para dedicar exclusivamente às atividades de captura do pescado. Além disso, elas exercem a principal função na criação de animais e no cultivo e manutenção da horta, produção que, na maioria das vezes, é para consumo interno e, portanto, considerada como uma atividade reprodutiva por não gerar renda.

4.2 PESCA DE CARANGUEJO

A pesca de caranguejo é permitida do dia 01 de dezembro a 15 de março, regulamentada no estado do Paraná pela Portaria IAP/GP nº 180/02, e a nível federal pela Portaria IBAMA nº 52/03. A primeira estabelece algumas normas para a captura do caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*), como as proibições de pesca de fêmeas de qualquer tamanho, de machos com a carapaça inferior a 7 cm e proíbe também a utilização de armadilhas como o lacinho.

Na comunidade do Tromomô, 67% (N=30) das famílias declaram realizar a pesca de caranguejo, das quais 56% (N=16) afirmam haver ao menos uma mulher na captura de caranguejo na unidade familiar. Durante a safra desta espécie, muitas famílias se dedicam somente a esta pescaria, enquanto outras dividem o tempo na captura de outros recursos para a alimentação e/ou como adicional para a renda (TABELA 3).

TABELA 3. RECURSOS EXTRAÍDOS DURANTE A SAFRA DO CARANGUEJO SEGUNDO CONVERSAS INFORMAIS COM OS PESCADORES.

Recurso	Alimentação	Venda	Petrecho
Bagre			Malha 12, 14
Betara			Malha 6
Cangatá			Malha 6
Caratinga			Malha 6
Guiri			Malha 6
Linguado			Malha 20
Miraguaia			Malha 22
Ostra			--
Parati			Malha 6
Pescadinha			Malha 6
Robalo			Malha 15, 18
Saguá			Malha 6
Salteira			Malha 14, 16
Tainha			Malha 10, 11

A captura do caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) é realizada por meio de três diferentes técnicas que serão descritas a seguir. Em geral as técnicas de lacinho e andada são as mais utilizadas, e o braceamento foi identificado em apenas um caso (FIGURA 4). Essa ordem altera-se com relação à participação das mulheres da comunidade do Tromomô, pois a maior parte delas trabalha somente na andada e já não se reconhecem mais como pescadoras.

FIGURA 4. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS USOS DE DIFERENTES PETRECHOS PARA A PESCA DO CARANGUEJO-UÇÁ NA COMUNIDADE DO TROMOMÔ (N=20).



Mesmo proibida, a técnica do lacinho é a mais utilizada na pesca do caranguejo pela comunidade do Tromomô. Dentre as famílias que declararam participar da atividade (n=20), 80% utilizam esta técnica. Atribui-se esta ampla incorporação às melhores condições de trabalho e rendimento da pescaria. A técnica consiste na captura do caranguejo através de uma armadilha feita com fios de fibra (FIGURA 5), presa na entrada da toca com o apoio de galhos do próprio manguezal.

FIGURA 5. CONJUNTO DE LACINHOS PRONTOS. PETRECHO UTILIZADO PARA CAPTURA DO CARANGUEJO-UÇÁ.



Cada lacinho possui em torno de 30 cm e sua composição pode variar de 13 a 20 fios de fibra. O processo de confecção é principalmente realizado pelas mulheres,

tanto para uso pelos integrantes da unidade familiar como para venda. As mulheres levam em torno de 20-30 minutos para fazer 100 laços, que são vendidos por 5 a 7 reais o cento.

A técnica de lacinho é considerada pelos comunitários como a menos danosa quando comparada às demais. Segundo eles, ela não prejudica as raízes do manguezal, é seletiva devido à fácil diferenciação das tocas de fêmeas e machos (os laços são deixados apenas na frente das tocas das espécies identificadas como do sexo masculino). Pescadoras e pescadores argumentam ainda que as folhas dos galhos que são utilizados na armadilha servem de alimento para o caranguejo.

A segunda técnica mais utilizada é conhecida como andada/andado, e caracteriza-se pela captura do caranguejo sem uso de petrecho. São capturados quando os indivíduos saem da toca durante o período reprodutivo. Conforme lei que regulamenta a pesca do caranguejo-uçá nas regiões sudeste e sul do Brasil, a andada consiste no “período reprodutivo em que os caranguejos saem de suas galerias e andam pelo manguezal para acasalamento e liberação de larvas, período em que a espécie está mais vulnerável” (BRASIL, 2003).

Segundo informações coletadas, a andada ocorre nas luas cheia e nova e é mais intensa nos meses de dezembro e janeiro. Acompanhou-se a separação do caranguejo capturado para comercialização durante a andada (FIGURA 6). Durante a separação, foi possível notar que os caranguejos enfraquecidos, não-inteiros ou mortos foram descartados. Os pescadores explicaram que muitos caranguejos morrem durante a andada devido à grande quantidade de indivíduos capturados. Tal condição também acaba por reduzir o preço da dúzia em virtude do aumento da oferta de caranguejos. Um dos pescadores relatou que a cada 15 dúzias de caranguejo, aproximadamente 5 dúzias morrem.

FIGURA 6. PROCESSO DE SEPARAÇÃO DE CARANGUEJOS QUE SERÃO DESCARTADOS OU COMERCIALIZADOS .



Por fim, a técnica do braceamento consiste na retirada do caranguejo com a introdução do braço no interior da toca. Ela é muito utilizada em algumas regiões do país, mas segundo os pescadores, as raízes entrelaçadas dos manguezais do Paraná, não a torna praticável. Essa característica faz com que essa técnica também seja desenvolvida de forma diferente nessa região. Primeiro introduz-se o braço para localizar a direção da toca, em seguida é utilizada uma ferramenta para cortar o substrato próximo do fim da galeria para, enfim, capturar o caranguejo. O procedimento é considerado danoso para o manguezal e para a saúde dos seus praticantes e demais usuários do manguezal. Além do esforço físico exigido, a formação de lacunas aumenta o risco de acidentes.

4.2.1 DINÂMICA DA SAFRA

A dinâmica da safra de caranguejo ocorre de maneira diferente de acordo com a técnica de captura empregada. O período de ocorrência é menor para os pescadores e as pescadoras que capturam durante a andata (TABELA 4), uma vez que a pescaria não necessita de confecção de petrecho, ocorre somente nas luas cheia e nova e é mais intensa apenas nos meses de dezembro e janeiro.

Em contrapartida, para as pescadoras e os pescadores que utilizam a técnica do lacinho a preparação para a pescaria começa meses antes da sua liberação. Segundo as mulheres da comunidade, muitas pessoas iniciam a confecção no mês

de setembro, para que tenha uma grande quantidade de lacinhos com a abertura da safra em dezembro. Esta informação é distinta da obtida em uma reunião somente com homens, onde foi dito que o mês de início da preparação é novembro. Além disso, no ano de 2017 constatou-se que uma das mulheres da comunidade já confeccionava o petrecho no mês de agosto.

TABELA 4. PERÍODO DE OCORRÊNCIA DAS ATIVIDADES RELACIONADAS À PESCA DE CARANGUEJO-UÇÁ UTILIZANDO AS TÉCNICAS DE ANDADA E LACINHO. CORES: BRANCO = NÃO OCORRE ATIVIDADE; VERMELHO = MESES EM QUE SÓ OCORRE CONFEÇÃO DE PETRECHO; VERDE ESCURO = MESES DE MAIOR INTENSIDADE DA PESCARIA; LARANJA = ESTABILIZAÇÃO E REDUÇÃO DA CAPTURA; VERDE CLARO = MENOR OCORRÊNCIA DE PESCADORES NA ATIVIDADE.

	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Andada				Verde Escuro	Verde Escuro	Verde Claro	
Lacinho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde Escuro	Verde Escuro	Laranja	Verde Claro

Com a entrada do mês de dezembro e abertura legal da safra, pescadores e pescadoras começam a ir para o mangue catar caranguejo. Mas o trabalho inicia em terra antes dessa data, com o preparo do material para o dia de pesca, tarefa geralmente realizada pelas mulheres:

“Toda a preparação é feita pela mulher.”

(Grupo focal – fala 2)

“Bota repelente, saco, café, comida, luva. Pra passar o dia inteiro no mangue.”

(Grupo focal – fala 3)

“Tem que ser uma mistura forte, porque passa o dia inteiro no mangue.”

(Grupo focal – fala 4)

Dezembro e janeiro são os meses nos quais emprega-se maior esforço de pesca para captura do caranguejo. Em fevereiro há uma estabilização da captura, seguida pela contínua redução dos estoques até o fim da safra. Muitas pessoas deixam de realizar a atividade no mês de fevereiro, passando a se dedicar a outras pescarias - especialmente a pesca do camarão, que passa ser a pescaria principal com o término da safra do caranguejo.

Essa queda no rendimento no mês de fevereiro foi explicitada pelo pescador durante o acompanhamento da atividade no manguezal. Ele relatou que no mês de

fevereiro as tocas consideradas boas são encontradas em menor quantidade. Tal condição justificou sua decisão por trocar de manguezal em dois momentos durante o acompanhamento. Outro aspecto trazido por ele foi que no mês de fevereiro o próprio caranguejo começa a fechar as tocas (FIGURA 7A).

FIGURA 7A. TOCA DE CARANGUEJO FECHADA.

FIGURA 7B. TOCA DE CARANGUEJO ABERTA.



Ainda, a variação do rendimento durante a safra é também influenciada por fatores naturais como marés, tempo e a presença do “mão-pelada” (*Procyon cancrivorus*) ou “mangueiro” – conhecido como inimigo do pescador, por predar os caranguejos presos nas armadilhas. Segundo o pescador, no mês de fevereiro e março as perdas causadas pelo mangueiro são mais frequentes, pois o caranguejo está enfraquecido.

4.2.2 DESCRIÇÃO DA PESCA DO CARANGUEJO-UÇÁ COM A TÉCNICA DO LACINHO

A TABELA 5 resume todas as características particulares identificadas de cada acompanhamento da pescaria. Ela foi estruturada de acordo com as duas saídas realizadas: a primeira para armar o lacinho e a segunda para retirar/capturar o caranguejo.

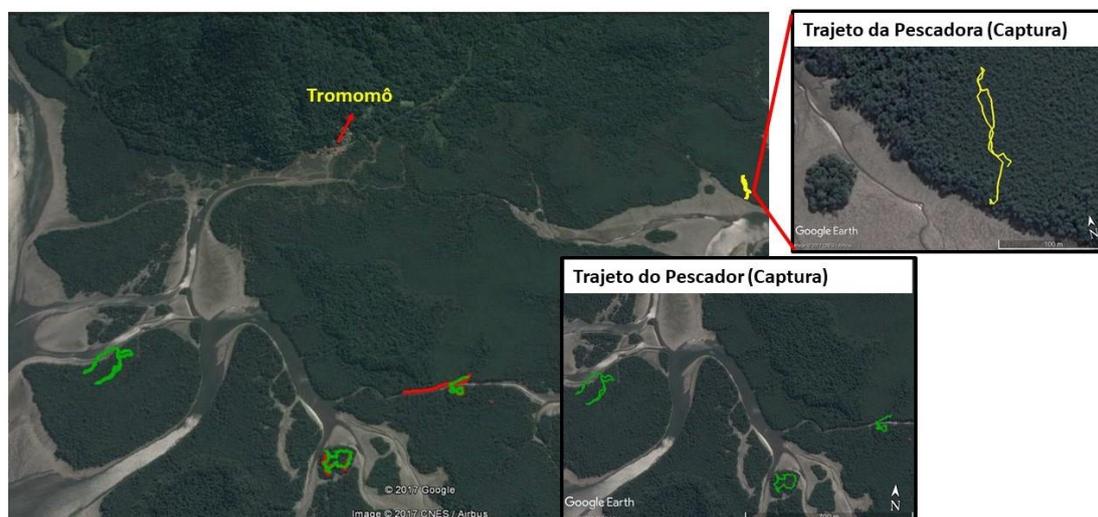
TABELA 5. INFORMAÇÕES SOBRE A PESCA DO CARANGUEJO OBSERVADAS DURANTE AS SAÍDAS PARA ACOMPANHAMENTO DA PESCARIA (OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE).

		Pescadora e filha	Pescador
Armando o lacinho	Dia/Mês/Ano	17/12/2015	24/02/2016
	Saída da comunidade	9:30	7:00
	Retorno	12:30	14:00
	Embarcação	canoa a motor	canoa a remo
	Manguezal	lilha	Retiro (Furado Grande)
	Quantidade de lacinhos (aprox.)	200	180
Captura	Dia/Mês/Ano	18/12/2015	25/02/2016
	Saída da comunidade	9:30	7:00
	Retorno	13:00	13:00
	Quantidade capturada	6 dúzias	9 dúzias ¹

A escolha dos manguezais (FIGURA 8) é muito importante como estratégia de pesca, e foram mencionados aspectos sobre os mangues considerados bons para a pesca. Segundo pescadores e pescadoras, manguezais com substrato mole possuem caranguejos maiores em comparação com manguezais de substrato duro. Eles também consideram “mangues bons” aqueles que possuem tocas próximas umas das outras.

¹ Durante o acompanhamento foram armados somente 180 laços, entretanto o pescador já havia armado 140 laços no dia anterior. Portanto, houve a retirada de 9 dúzias referente ao total de 320 laços armados.

FIGURA 8. TRAJETO PERCORRIDO PARA CAPTURA DO CARANGUEJO MAPEADO DURANTE AS SAÍDAS DE ACOMPANHAMENTO DA PESCA. TRAÇO VERDE = TRAJETO PERCORRIDO PELO PESCADOR; TRAÇO AMARELO = TRAJETO PERCORRIDO PELA PESCADORA.



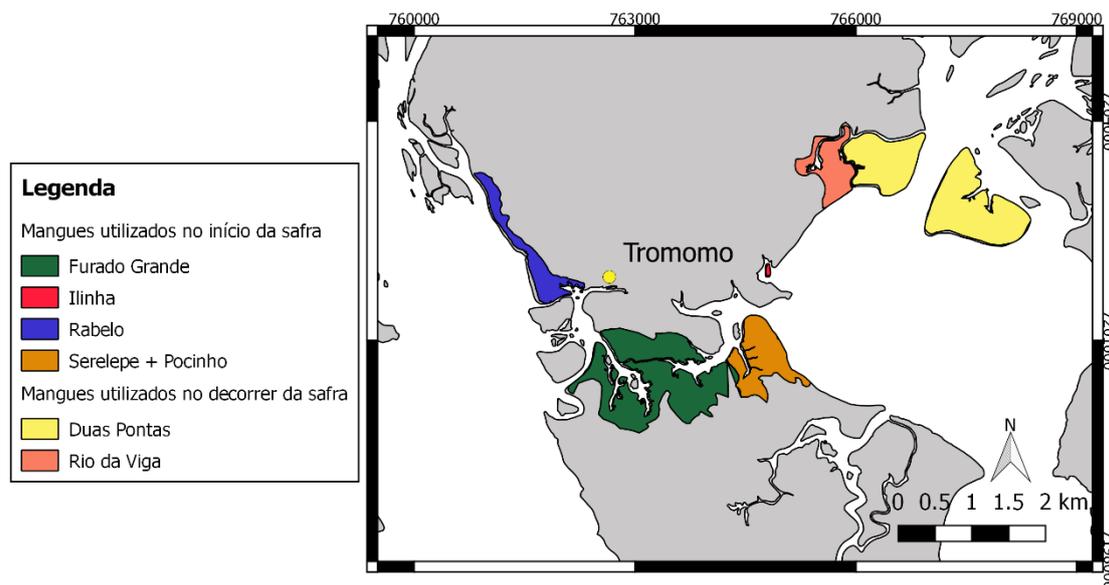
No grupo focal, as mulheres mencionaram que durante a safra há uma alteração dos manguezais explorados. Segundo elas, no início da safra a pesca ocorre nos manguezais mais próximos à comunidade do Tromomô (Rabelo, Furado Grande, Pocinho, Ilinha, Serelepe) e posteriormente em manguezais mais afastados (Duas Pontas, Rio da Viga, Pirassununga) (FIGURA 9). Quando questionadas sobre quais manguezais eram melhores para a captura de caranguejo, foram citados os manguezais Duas Pontas, Furado e Pocinho, pois contêm “caranguejo mais grosso”², com destaque para o mangue Duas Pontas.

“Duas Pontas é areia e lama. É um mangue mais baixo, pega caranguejo maior.”

(Grupo focal – fala 5)

² “caranguejo mais grosso” – termo utilizado para se referir aos caranguejos maiores.

FIGURA 9. MANGUEZAIS UTILIZADOS DURANTE A SAFRA DO CARANGUEJO SEGUNDO DADOS DO GRUPO FOCAL REALIZADO SOMENTE COM AS MULHERES DA COMUNIDADE.



FONTE: Elaborado pela autora, através do mapeamento dos Pesqueiros por Paula (2014).
 NOTA* No conjunto de dados não havia o mapeamento do manguezal denominado como Pirassununga.

Muitas mulheres que não praticam mais a captura do caranguejo e que participaram do grupo focal relataram que, outros manguezais eram melhores para elas. Com relação às características ambientais do mangue para realizar a atividade (colocar o lacinho ou catar o caranguejo na andada) e não ao rendimento. Sendo mangues mais difíceis de atolar, possibilitando assim uma caminhada menos exaustiva.

“Ticonha é mangue bom mas os homens não vão.”

“Nesse Ticonha nós fazia “caminho da roça”, mangue bom pra nós.” (Grupo focal – fala 6)

A entrada e permanência no manguezal é influenciada diretamente pela maré. Portanto, é necessário que a maré esteja na vazante ao sair da comunidade e na enchente ao retornar. Embora o acompanhamento da pescaria tenha permitido identificar algumas semelhanças, a dinâmica da pesca do caranguejo-uçá utilizando a técnica do lacinho ocorreu de forma diferente quando realizada pelo pescador e pela pescadora.

Logo no início da pescaria algumas diferenças são evidentes, como o transporte de petrecho. A pescadora transporta os laços presos à sua cintura e os retira somente no momento de instalar a armadilha. Já o pescador carrega vários laços na mão e outros dentro de um saco que fica preso na cintura. A forma de manusear os galhos também foi diferente. O pescador quebra vários galhos de uma vez e os transporta debaixo do braço. A pescadora quebra o galho somente no momento de armar a armadilha. Esta última distinção está relacionada a uma forma de sinalização, visto que a pescadora relata que se localiza no manguezal de acordo com os galhos quebrados.

Antes de montar a armadilha é feita a identificação e seleção da toca. Nesse momento, as mesmas características foram apontadas pelo pescador e pela pescadora para diferenciar as tocas de caranguejos fêmeas e machos, visivelmente diferentes. A toca de fêmeas tem uma espécie de “casinha” feita com o substrato do manguezal, com marcas mais finas na entrada e fezes menores. A toca dos machos é plana, com rastros grandes e fezes maiores (FIGURA 10).

FIGURA 10. CARACTERÍSTICAS QUE IDENTIFICAM A TOCA DO CARANGUEJO MACHO



10A – FEZES DO CARANGUEJO SÃO MAIORES QUE A DAS FÊMEAS

10B – RASTROS GRANDES E TOCA PLANA

A identificação das tocas foi feita rapidamente tanto pelo pescador quanto pela pescadora. Em seguida o lacinho é armado utilizando os galhos com folhas verdes para melhor visualização (FIGURA 11) apenas nas tocas identificadas como sendo de caranguejos machos (FIGURA 10B). A técnica de armar o lacinho é desenvolvida por

ambos em um processo contínuo e rápido, e foi visualmente representado em 5 etapas conforme FIGURA 12. Apesar de não ter sido possível a identificação da particularidade na montagem da armadilha em cada acompanhamento, a maneira com que o pescador e a pescadora armaram o lacinho resultou em aspectos distintos na retirada do caranguejo, que logo serão apontados.

FIGURA 11. ARMADILHAS FEITAS COM GALHOS DE FOLHAS VERDES PARA FACILITAR A VISUALIZAÇÃO DAS ARMADILHAS.



Ainda, o pescador mencionou que armou o lacinho de maneira que o caranguejo fique preso já na saída da toca para facilitar sua retirada. Essa condição é ideal em períodos em que a maré enche com maior velocidade. Por outro lado, ao ficar preso na saída da toca, o caranguejo fica mais exposto e tem mais chances de ser predado pelo “mangueiro”.

Já no grupo focal, as mulheres disseram que, em comparação aos homens, tendem a colocar a armadilha mais lentamente:

“Eu acho que as mulheres são mais cuidadosas, o laço é sempre bem arrumadinho. Eles vão lá, enfiam e saem.”(Grupo focal – fala 7)

“A mulher é mais devagar pra colocar o lacinho, homem é mais rápido.”
(Grupo focal – fala 8)

Além de diferenciar as tocas de indivíduos machos e fêmeas, há também o cuidado de não armar o lacinho em tocas muito pequenas que podem conter caranguejo “miúdo”, ou seja, caranguejo com carapaça inferior a permitida pela lei do IAP nº 180/02. Os caranguejos miúdos deixam marcas na entrada das tocas parecidas com as marcas deixadas pela fêmea. Essa semelhança aumenta as chances de falhas

na identificação das tocas, principalmente ao armar próximo ao período da andata. Tratando-se do período reprodutivo desta espécie, os caranguejos mudam de toca com maior frequência e podem ocorrer capturas indesejadas. Durante a andata há também maior propensão de capturar mais de um caranguejo por toca, podendo ser de sexo e tamanho distintos.

FIGURA 12. DESCRIÇÃO DA TÉCNICA DO LACINHO UTILIZADA NA CAPTURA DO CARANGUEJO-UÇÁ.



O caranguejo fica preso na armadilha ao tentar sair da toca (FIGURA 13), e é retirado pelos pescadores com o auxílio de um facão, efetuando o corte do nó que se forma durante o enlace do caranguejo. A pesca pode envolver um ou dois dias,

dependendo da quantidade de laços que são armados. Nos dois acompanhamentos realizados durante esta pesquisa, a pescaria envolveu dois dias de trabalho. O primeiro dia foi usado somente para “armar o lacinho”, ou seja, colocar a armadilha nas tocas. No segundo dia é feita a retirada do caranguejo da armadilha.

FIGURA 13. CARANGUEJO PRESO NA ARMADILHA, COM GALHO AINDA FIXO NO SUBSTRATO (LICENÇA SISBIO 45577-3).



Durante a retirada do caranguejo da armadilha foi possível identificar aspectos distintos entre os acompanhamentos bem marcantes. Nas armadilhas colocadas pela pescadora, grande parte dos caranguejos estavam presos mais adentro da toca ou enroscados nas raízes do mangue, tornando mais difícil sua retirada. Nestes casos foi necessária a introdução do braço dentro da toca para puxar o caranguejo inteiro, evitando a perda de membros. Durante a pesca acompanhada, a pescadora foi persistente nos casos de caranguejos difíceis de serem retirados.

Diferentemente, com o pescador a maioria dos caranguejos estava preso na saída da toca, sendo mais fácil retirá-los. Os dois galhos da armadilha eram puxados ao mesmo tempo, e então o nó era cortado. Nas ocasiões semelhantes à da pescadora, o pescador não insistia por muito tempo, logo cortava o laço e liberava o caranguejo perdendo a captura. Esse comportamento prioriza a agilidade entre uma armadilha e outra em detrimento da persistência. Quando as tocas estavam próximas, ele apenas desafixava o galho do substrato e aglomerava os caranguejos ainda presos nas armadilhas em um local comum, para enfim retirar os nós e colocar os caranguejos no saco.

Outro aspecto destoante foi a perda de caranguejos comidos pelo “mangueiro”: muitos caranguejos foram perdidos pelo pescador e nenhum pela pescadora (FIGURA 14). Isto corrobora o comentário do pescador de que as chances de o mangueiro preda os caranguejos nas armadilhas aumentavam se caso os caranguejos ficassem expostos. Além disso, pode haver influência do período em que as pescarias foram realizadas, já que durante os meses de fevereiro e março a predação é mais frequente segundo os pescadores.

FIGURA 14. CARANGUEJOS PREDADOS PELO *Procyon cancrivorus*, CONHECIDO COMO MANGUEIRO OU MÃO-PELADA.



Ainda em relação às práticas realizadas por homens e mulheres, foi possível notar semelhanças na eficiência de identificação das tocas. Em ambos acompanhamentos houveram poucas falhas. A pescadora não capturou nenhuma fêmea, mas caíram caranguejos miúdos na armadilha. Já o pescador capturou 1 fêmea, e também caíram caranguejos miúdos. Nas duas situações, os caranguejos “miúdos” e a fêmea foram devolvidos no manguezal.

Durante a captura do caranguejo, resíduos do lacinho são deixados no manguezal. Essa é uma precaução tomada por pescadores e pescadoras devido à fiscalização, já que esta técnica de captura do caranguejo é legalmente proibida. O que fica retido no caranguejo é limpo após o retorno a comunidade (FIGURA 16).

O transporte até a comunidade com o pescador foi mais demorado, por causa do uso de canoa a remo. O pescador cobriu o saco de caranguejos com galhos com folhas verdes de manguezal devido ao sol forte e temperatura alta (FIGURA 15).

FIGURA 15. SACO COM CARANGUEJO CAPTURADO COBERTO POR GALHOS COM FOLHAS VERDES.

FIGURA 16. LIMPEZA DO CARANGUEJO E SEPARAÇÃO PARA A VENDA.



5 DISCUSSÃO

A pesquisa identificou que as mulheres da comunidade do Tromomô estão presentes em todas as etapas da cadeia produtiva da pesca, atuando na pré-captura, captura e pós-captura. De maneira geral, a participação da mulher concentra-se sobre as atividades de pré e pós-captura, no entanto, a atuação na captura também está presente em algumas localidades (DI COMMO; SCHIAVETTI, 2012; GALVÃO, 2013; GERBER, 2013).

A atividade de captura geralmente possui maior reconhecimento em comparação às demais etapas do sistema produtivo. Assim como no processamento da carne de caranguejo no norte do Brasil (MAGALHÃES et al. 2007), o processo de confecção do lacinho no Tromomô é considerado uma atividade secundária. A confecção do lacinho é majoritariamente realizada por mulheres, consistindo em atividade fundamental para a geração de renda das famílias, seja através do uso da armadilha ou da venda a terceiros. No entanto, esta atividade é considerada uma extensão do trabalho doméstico e muitas vezes não é reconhecida como parte do processo produtivo.

Os homens são maioria nas atividades de captura dos recursos pesqueiros explorados na comunidade do Tromomô. Contudo, ao observar os usos do ecossistema de manguezal, mais especificamente a pesca de caranguejo, a participação das mulheres nesta etapa da cadeia produtiva tem maior notoriedade. Figueiredo e Prost (2014) relacionam a maior atuação das mulheres em pescarias de manguezais ao menor capital financeiro necessário e também a proximidade de casa. Essas condições possibilitam conciliar as atividades produtivas e reprodutivas. Outros estudos apresentam um padrão espacial de gênero com a maior presença de mulheres em ecossistemas entre marés, mais próximos da comunidade, enquanto homens pescam em lugares mais afastados (KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014; TORRE-CASTRO et al., 2017). No caso do Tromomô acredita-se que além da proximidade com a comunidade, as técnicas de captura e o período da safra também permitem maior participação das mulheres. Tais características estão diretamente relacionadas com a capacidade para gerenciar o tempo entre terra e “mar”.

Uma revisão dos estudos de gênero na pesca indica que a sobrecarga de trabalho assumida pelas mulheres acaba por limitar - temporal e espacialmente - a

sua participação na etapa de captura da cadeia produtiva da pesca (KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014). Portanto, considera-se que a divisão desigual de trabalho e consequente sobrecarga assumida pelas mulheres, faz com que o esforço dispendido nas atividades de captura afete também de maneira distinta homens e mulheres. Consequentemente, elas participam com menos frequência desta etapa da cadeia produtiva. No caso do Tromomô, algumas mulheres associaram seu afastamento das atividades de captura ao esforço exigido, o que influencia no abandono precoce da atividade em relação aos pescadores. Entende-se também que a ausência e/ou o abandono precoce da atividade de captura pode envolver uma série de outros fatores, desde fatores estruturais, como a construção social de que existem espaços específicos para cada gênero, até mesmo fatores físicos, como o alto esforço exigido para a captura de caranguejo.

Ao enfatizar apenas o processo de captura, desconsiderando o conjunto de funções e relações que envolve as atividades realizadas por mulheres e que possibilitam a realização das atividades produtivas, acaba-se por subestimar a participação das mulheres na atividade pesqueira (KLEIBER; HARRIS; VICENT, 2014). Também, ao desconsiderar as demais etapas da cadeia produtiva, determina-se o início da pesca de caranguejo no mês de dezembro, obtendo uma visão imprecisa sobre a dinâmica da atividade. Na prática, a pesca de caranguejo inicia-se meses antes com a confecção do petrecho de pesca, comumente nos meses de outubro e novembro para a maioria das famílias do Tromomô, também houve registro de início no mês de agosto. Conhecer a dinâmica da pesca na sua totalidade e compreender cada processo da cadeia produtiva e seus entraves, é fundamental para a gestão do recurso.

Dessa maneira, é preciso aprimorar o entendimento do senso comum sobre todas as atividades que integram a atividade pesqueira, que muitas vezes é confundida apenas com a etapa de captura do recurso. O capítulo II do artigo 2º da lei nº 11.959/2009, que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, define pesca como “toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros”. No entanto, o capítulo III, artigo 4º, considera como atividade pesqueira artesanal “trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal”.

Logo, torna-se necessário ampliar o entendimento comum sobre o que significa ser pescador e pescadora, considerando que os papéis de gênero estabelecem relações desiguais e influenciam diretamente nas atividades de homens e mulheres na comunidade. Portanto, a definição de pesca não pode partir de uma premissa que supõe igualdade de atividades entre eles.

Nesse sentido, a triangulação de informações utilizada nesta pesquisa a partir do uso de 3 metodologias distintas, com a inclusão de uma variedade de interlocutoras e interlocutores em distintos ambientes, atividades e ocupações, propiciou uma maior compreensão da atividade da pesca de caranguejo. Além disso, a inclusão da variável gênero na pesquisa também foi fundamental para ampliar o conhecimento sobre a atividade da pesca de caranguejo, o que mostra que a ausência de estudos sobre a atividade pesqueira com a perspectiva feminina durante a coleta de dados (WOORTMANN, 1991; MOTTA-MAUÉS, 1999; FRÖKLIN et al. 2013; GERBER, 2013) precisa ser superada.

A inclusão do gênero como uma variável explícita, torna-se necessário diante do histórico de invisibilidade das mulheres pescadoras, relacionado - dentre outros fatores - a linguagem androcêntrica (centrada no homem), onde o termo “pescador” muitas vezes é usado para descrever homens e mulheres (KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014). Incorporar a variável gênero na pesca é comprometer-se com uma abordagem que contemple o papel de homens e mulheres na atividade pesqueira.

5.1 INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS ESTRATÉGIAS DE PESCA E NA DIVERSIFICAÇÃO DE PESCARIAS

Acredita-se que o gênero é determinante na escolha das técnicas de captura da pesca de caranguejo. Na comunidade do Tromomô, os homens demonstram maior prioridade pela captura de caranguejo com a técnica do lacinho, já a maior incidência de mulheres na captura ocorre com a técnica de andada. Pode haver relação ao período de ocorrência das técnicas, que se apresenta bem distinto como apontado nos resultados. Soma-se a isso, o fato de que a captura diária na andada é maior que nas demais técnicas. Nesse sentido, considerando os diferentes fatores que influenciam a atuação da mulher na captura, a técnica de andada viabiliza maior participação das mulheres.

Outro fator importante como estratégia de pesca, é a escolha dos manguezais. E como mencionado, há rotatividade do uso dos manguezais durante a pesca de caranguejo com a técnica do lacinho, que é iniciada em manguezais mais próximos da comunidade e finaliza com a utilização de manguezais mais afastados. Considerando que estudos apontam mulheres mais presentes na etapa de captura em ecossistemas mais próximos de casa (FIGUEIREDO; PROST, 2014; KLEIBER; HARRIS; VINCENT, 2014; TORRE-CASTRO et al., 2017), este também pode ser um fator que afeta distintamente homens e mulheres no decorrer da safra, limitando o desempenho das mulheres que precisam administrar o tempo em atividades produtivas e reprodutivas. A diferente disponibilidade de tempo entre homens e mulheres é fator determinante na definição de estratégias da unidade familiar e afeta diretamente a atuação nas práticas de captura na comunidade do Tromomô.

No que diz respeito aos papéis estabelecidos por homens e mulheres na captura do caranguejo, observou-se que o conhecimento para distinção das tocas é igual ou aproximado entre pescadoras e pescadores na comunidade do Tromomô. Mesmo nos casos de erro, quando se capturam fêmeas ou indivíduos miúdos, existe o entendimento sobre a responsabilidade de liberá-los no ambiente, não somente pela ilegalidade da ação, mas também para possibilitar a continuidade desta pescaria.

O acompanhamento da pesca do caranguejo-uçá foi realizado em caráter experimental e com baixo número de observações. Portanto, ele não possibilitou uma análise de gênero robusta sobre o desenvolvimento da técnica da armadilha. Por outro lado, a pesquisa apontou indicativos marcados pelas diferenças nas estratégias de captura e papéis de gênero assumidos nesta pescaria por homens e mulheres. A pescadora demonstrou maior persistência, resultando em menor perda de caranguejos por armadilha. Os dados coletados permitem deduzir que as mulheres priorizam maior eficiência de captura (número total de caranguejos capturados por número de lacinhos armados), enquanto os homens priorizam maior produtividade (número total de lacinhos armados, com alta captura, mesmo ocorrendo perda de captura do caranguejo por desistência).

Em uma ótica mais ampla, os papéis de gênero, sendo uma construção social, influenciam na distinção de conhecimentos/saberes e práticas tradicionais que são atribuídas a homens e mulheres (PFEIFFER; BUTZ, 2005). O gênero determina os

espaços de atuação de homens e mulheres; portanto contribui para a distinção dos conhecimentos tradicionais de homens e mulheres (VUNISEA, 2014).

Pfeiffer e Butz (2005) apresentaram a interação de variáveis socioculturais que ocasionam padrões de conhecimento e usos diferentes por homens e mulheres. As autoras mostraram que o uso de diferentes ecossistemas e atuação em etapas distintas no manejo de recurso geram conhecimentos diversificados. Consequentemente é indispensável o conhecimento sobre as percepções e interações que homens e mulheres têm em diferentes ecossistemas. A falta de abordagem de gênero, e a visão apenas sob a perspectiva masculina, conforme os estudos de Pfeiffer e Butz (*op. cit.*), fizeram que ambientes importantes fossem desconsiderados no sistema de gestão na Tanzânia. Essa visão androcêntrica - voltada para as atividades realizadas por homens - precisa ser superada para, de fato, se implementar uma gestão mais inclusiva (TORRE-CASTRO et al., 2017).

Também, acredita-se que o comprometimento da mulher na realização das atividades reprodutivas influencia indiretamente na diversificação das atividades na comunidade, pois propicia que os demais integrantes da unidade familiar possam dedicar integralmente seu tempo na realização das atividades voltadas exclusivamente para o mercado. O trabalho realizado pelas mulheres permite que os demais integrantes da unidade familiar dediquem-se integralmente a captura do caranguejo (MAGALHÃES et al., 2007). Portanto, é possível inferir que a presença da mulher na unidade familiar promove o desenvolvimento de estratégias adaptativas, pois contribui direta e indiretamente com a diversificação dos modos de vida das comunidades pesqueiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca do caranguejo (*Ucides cordatus*) possui grande importância para a renda das famílias na comunidade do Tromomô, e durante sua safra a dinâmica das unidades familiares é em sua maioria voltada exclusivamente para atender essa pescaria. A técnica do lacinho é considerada pela comunidade do Tromomô como a menos danosa para o manguezal, sendo também a prática mais utilizada, seguida pela andada. Para confirmar essa percepção, recomenda-se a realização de estudos para avaliar os impactos ambientais e sociais causados pelas três diferentes técnicas utilizadas (lacinho, andada e braceamento). Para tal, é necessário que respeite o tripé da sustentabilidade, com uma abordagem socialmente justa, ambientalmente responsável e economicamente viável.

Esta pesquisa permitiu identificar padrões diferentes no comportamento de homens e mulheres na realização da pescaria, mas deve-se lembrar que mesmo pessoas de mesmo gênero podem executar técnicas diferentes. Portanto para compreender melhor como as relações de gênero estão associadas às diferentes estratégias de pesca é necessário ampliar as análises realizadas nesse trabalho a partir de um número maior de observações, considerando também incluir mais uma comunidade. Apesar do número reduzido de observações, a pesquisa mostra que a análise com a inclusão da variável gênero precisa ser considerada para a avaliação de diferentes estratégias.

Ao preencher as lacunas da participação da mulher nas pesquisas sobre a atividade pesqueira, a pesquisa com perspectiva de gênero favorece também o reconhecimento mais amplo sobre os modos de vida das comunidades e as diferentes estratégias de pesca utilizadas. Também, ao envolver as atrizes e atores da comunidade, sujeitos com conhecimentos, perspectivas, necessidades e interações distintas, este tipo de pesquisa oferece elementos que podem contribuir para um sistema de gestão mais eficiente.

Dar voz ao discurso da mulher aponta dimensões da atividade pesqueira incomuns aos espaços convencionais de construção de conhecimento e tomada de decisão. A inclinação ao protagonismo das mulheres destacado pelas abordagens de gênero, é necessária enquanto houver lacunas nas informações disponíveis e desigual participação entre gêneros. Deve-se assegurar a participação de homens e

mulheres não somente nos processos de coleta de dados, mas também nos espaços de tomada de decisão em processos de gestão.

Nesse sentido, o desenvolvimento de metodologias participativas vem a ser um instrumento essencial para a compreensão da dinâmica da comunidade e, portanto, para a gestão. Além disso, espaços de discussão devem ser incentivados e adequados para garantir a participação de homens e mulheres. A equidade de gênero é atualmente considerada um princípio fundamental para promover a pesca responsável e sustentável e a segurança alimentar e nutricional.

7 REFERÊNCIAS

ALLISON, E. H.; ELLIS, F. The livelihoods approach and management of small scale fisheries. **Marine Policy**, v. 25, p. 377–388, 2001.

ALONGI, D. M. Mangrove forests: Resilience, protection from tsunamis, and responses to global climate change. **Estuarine, Coastal and Shelf Science**, v. 76, n. 1, p. 1–13, jan. 2008.

BENNETT, E. Gender, fisheries and development. **Marine Policy**, v. 29, n. 5, p. 451–459, set. 2005.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 11–27, 5 dez. 2007.

BRASIL. Instituto Ambiental do Paraná. Normas Protetivas a captura do caranguejo-Uçá (*Ucides cordatus*). **Portaria n. 180, de 07 de outubro de 2002**. Legislação Estadual.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. Regulamenta a pesca do Caranguejo-Uçá (*Ucides cordatus*) das Regiões Sudeste e Sul do Brasil. **Portaria n. 52, de 30 de setembro de 2003**. Legislação Federal

BRASIL. Lei nº 11.959, 29 de junho de 2009. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF.

BUNCE, L. et al. **Socioeconomic manual for coral reef management**, 2000.

DE LA TORRE-CASTRO, M. et al. Gender analysis for better coastal management – Increasing our understanding of social-ecological seascapes. **Marine Policy**, v. 83, n. May, p. 62–74, 2017.

DI CIOMMO, R. C.; SCHIAVETTI, A. Women participation in the management of a Marine Protected Area in Brazil. **Ocean & Coastal Management**, v. 62, p. 15–23, jun. 2012.

FAO. **Training guide: gender and climate change research in agriculture and food security for rural development**. Training guide. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2012.

FARACO, L. F. D. et al. Vulnerability Among Fishers in Southern Brazil and its Relation to Marine Protected Areas in a Scenario of Declining Fisheries. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 38, p. 51–76, August 2016.

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, O. C. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. **Revista Feminismos**, v. 2, n.1, p. 82–93, 2014.

FRASER, N. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. **Social Text**, v. 26, n. 25/26, p. 56, 1990.

FRÖCKLIN, S. et al. Fish Traders as Key Actors in Fisheries: Gender and Adaptive Management. **AMBIO: A Journal of the Human Environment**, v. 42, n. 8, p. 951–962, 9 dez. 2013.

GALVÃO, M. C. **Diálogos entre gênero, gestão e educação ambiental: os papéis das mulheres nos modos de vida na pesca artesanal**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

GERBER, R. M. **Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil**. 418 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

IACONO, J.; BROWN, A.; HOLTHAM, C. Research Methods – a Case Example of Participant Observation. **The Electronic Journal of Business Research Methods**, v. 7, n. 1, p. 39–46, 2009.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico município de Guaraqueçaba**. Curitiba, 2017.

KAWULICH, B. B. La observación participante como método de recolección de datos. **Forum: Qualitative Social Research Sozialforschung/ Forum: Qualitative Social Research [Online Journal]**, v. 6, n. 2, p. 1–30, 2006.

KLEIBER, D.; HARRIS L.M.; VINCENT, A.C.J. Gender and small scale fisheries: a case for counting women and beyond. **Fish and fisheries**, 2014, 16 p.

MAFRA, T. V. **Estratégias Técnicas e Econômicas dos Sistemas de Produção Pesqueiros da Região de Guaraqueçaba, Litoral do Paraná**. Dissertação (Mestrado Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Curitiba, 2012.

MAGALHÃES, A. et al. The role of women in the mangrove crab (*Ucides cordatus*, Ocypodidae) production process in North Brazil (Amazon region, Pará). **Ecological Economics**, v. 61, n. 2–3, p. 559–565, mar. 2007.

MANESCHY, M. C. Da casa ao mar: papéis das mulheres na construção da Pesca responsável. **Proposta**, v. 84/85, p. 82–91, 2000.

MANESCHY, M. C; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2012.

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. **Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas**. Revista Univap. São José dos Campos/SP, Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014.

MMA. **Curso Igualdade de Gênero e Desenvolvimento Sustentável**. Governo Federal: Ministério do Meio Ambiente, 2013. Não publicado.

MOTTA-MAUÉS, M. A. Pesca de Homem/Peixe de Mulher (?): Repensando o Campo do Gênero na Literatura Acadêmica sobre Comunidades Pesqueiras no Brasil.

Etnográfica, v. III, n. 2, p. 377–399, 1999. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400 .pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400.pdf)>.

PAULA, G. S. **Dimensões humanas das áreas marinhas protegidas: O caso da pesca de caranguejo uçá (*Ucides cordatus*) em uma região de manguezais do sul do Brasil**. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Oceanografia) – Setor Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Pontal do Paraná, 2014.

PAULY, D et al. Fishing Down Marine Food Webs. **Science**, v. 279, n. 5352, p. 860–863, 6 fev. 1998.

PFEIFFER, J. M.; BUTZ, R. J. Assessing cultural and ecological variation in ethnobiological research: The importance of gender. **Society of Ethnobiology**, v. 25, n. 2, p. 240–278, 2005.

SOS MATA ATLÂNTICA/INPE. **Atlas dos Municípios da Mata Atlântica, Período 2000-2015**. São Paulo/SP: Fundação SOS Mata Atlântica/Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2016. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/atlas-dos-municipios/>>

THORPE, A. et al. “Fishing Na Everybody Business”: Women’s Work and Gender Relations in Sierra Leone’s Fisheries. **Feminist Economics**, v. 20, n. 3, p. 53–77, 3 jul. 2014.

VALIELA, I.; BOWEN, J. L.; YORK, J. K. Mangrove Forests: One of the World’s Threatened Major Tropical Environments. **BioScience**, v. 51, n. 10, p. 807–815, 2001.

VUNISEA, A. The participation of women in fishing activities in Fiji. **Women in Fisheries Information Bulletin**, p. 19–28, 2014.

WOORTMANN, E. F. **Da complementaridade a dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste.**: Antropologia. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 1991. Disponível em: <<http://wp2.oktiva.com.br/portaldomar-bd/files/2010/10/Serie111empdf4.pdf>>

ANEXO A**COMUNIDADE: NÚMERO:**

Universidade Federal do Paraná
 Centro de Estudos do Mar
 NESPAMP – Núcleo de Estudos em Sistemas Pesqueiros e Áreas Marinhas
 Protegidas

SOCMON BAÍA

DATA:

ENTREVISTADOR:

COORDENADAS DA CASA:

UNIDADE FAMILIAR

1. Entrevistado (nome completo):

2. Sexo: M F

3. Idade:

4. Local de nascimento:

5. Tempo que mora na vila:

6. Se veio de outro lugar, porque se mudou para cá? De onde veio?

7. Estado civil: Casado Solteiro Viúvo União estável

Divorciado

8. Quem mora na casa? Qual o parentesco com você? Qual a idade de cada um? Grau de escolaridade? O que cada um da família faz (ocupação primária e secundária)?

9. Quanto da renda familiar vem da pesca?

 Todo Metade Mais da metade Menos da metade

Em caso de nenhum integrante indicar pesca como ocupação, perguntar:

10. Mas alguém sai para pescar, para comer ou melhorar a renda?

 Não Sim. Qual pescaria? Em que época? Com que frequência? – safra específica ou eventualmente?11. Alguém da família deixou de pescar? Não Sim. Quem? Quando?

12. Na sua família há alguém com uma fonte estável de renda, tipo aposentadoria, emprego público, assalariado, bolsa família, etc.?

13. Participa de alguma organização (associação de moradores,...) ?

 Não Sim. Qual?

14. Tem participado de reuniões em Paranaguá ou Guaraqueçaba? Foram sobre o que?

 Não Sim. Quando foi?

COMUNIDADE: NÚMERO:

Universidade Federal do Paraná
 Centro de Estudos do Mar
 NESPAMP – Núcleo de Estudos em Sistemas Pesqueiros e Áreas Marinhas
 Protegidas

SOCMON BAÍA

DATA:

ENTREVISTADOR:

COORDENADAS DA CASA:

PESCA

1. Entrevistado (nome completo):

2. Idade:

3. Embarcação (nome, tamanho):

Motorizada: Não Sim

Tamanho do motor:

4. Documentação (Quem tem? Quantas na unidade familiar?):

Carteira de pesca; licença de pesca (qual embarcação); matrícula da capitania (qual embarcação); Talão do produtor

5. Tempo de pesca:

6. Com quem aprendeu a pescar?

7. Quais das seguinte atividades relacionadas à pesca vocês realizam? Quem realiza?

() captura

() venda direta ao consumidor

() venda direta ao atravessador

() venda direta a associação/cooperativas

() beneficiamento (limpar, descascar)

() manutenção e limpeza de equipamentos (redes, motor, embarcações)

() outro (Explicar)

8. Quais tipos de pescaria a família realiza regularmente? Quais são os petrechos utilizados? Quem pesca? Onde pesca? Quem da casa realiza a atividade?

Técnica – Recurso – Período do ano – Pesqueiro – Quem realiza

Tem alguma rede que não está utilizando regularmente? Não Sim. Qual? Por que?

9. Das pescarias citadas, qual a mais importante (em renda)? Em que época ela acontece?

10. Quanto rende um dia bom de pesca?

11. Vocês conseguem guardar o que pescam ou capturam? Quanto fica pra comer (em kg)? Não Sim

Se sim, como? Onde? Quanto?

12. Quantos dias da semana come pescado?

1 2 3 4 5 6 7

13. Já teve cerco? Não Sim. Quando tirou?

MÓDULO CARANGUEJO

14. Pescou caranguejo nas últimas duas safras? Não Sim.

15. Quem mais da unidade familiar pesca caranguejo?

16. Quais os locais onde mais pescou nas últimas safras?

17. Há quanto tempo pesca caranguejo? (ou desde que idade?)

18. Como pesca?

19. Sempre pescou assim? Não Sim. Por que?

20. Lembra quanto pescou na última safra?

21. Como foi a safra? Por que?

22. Quem pescou com você nessa safra? Qual o grau de parentesco?

23. Para quem vendeu o caranguejo na última safra (nome, comunidade do atravessador(es))?

24. A quanto vendeu o caranguejo nessa safra?

25. O que influenciou o preço durante a safra? (mudou o preço? Por quê?)

26. Perdeu algum material na fiscalização ou foi multado? Já deixou de ir pescar por medo? (se foi multado, por que?)

27. O que acha que deve ser feito para melhorar a pesca do caranguejo?

APÊNDICE A

ROTEIRO GRUPO FOCAL

Atividade 1 – ATIVIDADES PRODUTIVAS E REPRODUTIVAS

Técnica de visualização: Matriz sazonal

Objetivo: Descrever temporalmente as atividades realizadas, descrevendo as relações de gênero, identificando a participação e funções exercidas por homens e mulheres em cada atividade **(No final de cada produto, tirar uma foto, antes de mexer no material).**

Preparação prévia: representações gráficas de mulheres, homens, crianças; atividades (ex: captura, beneficiamento, alimentação...); e dos principais recursos (ex: Camarão, caranguejo, pescadinha, tainha).

Material necessário: representações gráficas, fita adesiva, papel pardo, pincel atômico, cartolina diferentes cores.

PASSO 1 – Construir o calendário anual das atividades - Pesca, Roça, Cultivo de ostra, Criação de Animais, trabalhos domésticos - com base na questão geral 1.

Questão geral (1): Quais são as atividades realizadas pela comunidade? Em que período ocorrem? Escolham as figuras na mesa que representam os que vocês fazem.

Procedimento – Apresentar o papel pardo com os meses dos anos nas colunas. As atividades serão coladas nas linhas. Deixar uma mesa com todas as imagens das atividades e pedir para escolherem as que são feitas no Tromomô. Terminado de preencher informações para as questões gerais, usar as questões de apoio. Deixar tarjetas prontas para escrever novas atividades que não estavam nas figuras.

Questões de apoio (1): - Tem alguma atividade que não apareceu? Houve alguma mudança nas atividades? Alguma atividade deixou de ser realizada? Alguma passou a ser realizada recentemente?
(Caso houver mudanças, atentar para os motivos)

PASSO 2 – Compreender que realiza cada função.

Questão geral (2): Quais dessas atividades são realizadas por homens? Quais são realizadas por mulheres? Quais os dois realizam? Quais as crianças?

Procedimento – Partindo das atividades que foram citadas, perguntar quem realiza as atividades. Atentar-se para possíveis discrepâncias ou surpresas.

Questões de apoio (2): Por que as mulheres estão nessas atividades ou porque não estão? A mulher deixou ou começou a participar de alguma atividade? **Atentar para entender os motivos.**

PASSO 3 – Participação da mulher na cadeia produtiva.

Questão geral (3): Qual o papel das mulheres nessas atividades?

Procedimento – Perguntar o que a mulher faz/onde atua (em quais etapas: pré-captura, captura, beneficiamento, alimentação, venda) em cada atividade pesqueira.

Atividade 2 – PESCA DE CARANGUEJO

Técnica: Matriz sazonal (da safra)

Objetivo – Descrever a pesca de caranguejo sob a ótica das mulheres, com a descrição das estratégias entre homens e mulheres; qualificar os elementos

observados no acompanhamento da pescaria; identificar quais são os manguezais mais utilizados; e identificar os fatores que influencia nas diferentes estratégias.

Preparação prévia – representações gráficas baseadas no mapa da safra feito pelos pescadores (ex: lacinho, caranguejo, homem, mulher, criança, mangueiro...) e nomes dos manguezais escritos nas tarjetas.

Material necessário: representações gráficas, fita adesiva, papel pardo, pincel atômico, cartolina diferentes cores, bolinha adesiva.

PASSO 1 – Compreender a dinâmica da safra do caranguejo. Iniciar a discussão com as questões gerais abaixo.

Questão geral (1): Quais são as técnicas utilizadas? Quando começa a preparação para a safra?

Questão geral (2): Quando começa a ir para o mangue? Tem época melhor para ir?

Questão geral (3): Como é a rotina nesses meses?

Questão geral (4): Quando param de ir aos mangues?

Procedimento: O primeiro passo é saber o período que é dedicado a pesca do caranguejo. Separar o cartaz nos meses que forem descritos por elas e ir questionando o que é feito em cada um. Importante saber QUAIS técnicas utilizadas e QUANDO são mais utilizadas. Se houver quem pesca na andada, perguntar como funciona a pescaria (quem vai, como ocorre?), se pescar APENAS na andada desenvolver os motivos (melhor? Pouco tempo? Não precisa ir a safra toda?).

Questão de apoio (1): Tem diferença na dinâmica da safra para quem vai na andada ou no lacinho? O que é feito? Quem faz o que?

Questão de apoio (2): O que faz você ir para o mangue? O que não permite ir ao mangue (Maré? Saúde? Filhos? Atividades em terra?)?

Questões de apoio (3): Como fica a divisão do tempo da família? Quais são as atividades mais comuns e em que meses?

Questão de apoio (4): Para de pescar caranguejo em algum momento da safra?

PASSO 2 – Estratégias de Pesca - Lacinho

Procedimento: O primeiro passo é perguntar sobre as diferentes combinações de gênero que pescam, trazer as figuras para identificar os grupos (homem, homem e mulher, mulher e filhos, homem e filhos. Funciona diferente a dinâmica da pescaria em cada caso? Ir montando um quadro de passo a passo da pescaria. Dividir a pesca em dois momentos: armando o lacinho e tirando lacinho.

Armando o lacinho

Questão geral (5): Quantos laços leva? Tem um jeito mais fácil de carregar?

Questão de apoio (5): - Armar tudo o que leva? Muda de manguezal se o mangue está ruim?

Questão geral (6): Quando chega no mangue, qual a primeira coisa a fazer?

Questão de apoio (6): Escolhe as tocas? Como escolhe?

Questão geral (7): Como armar o laço? Tem pessoas que armam diferente?

Questão de apoio (7): Existe maneira diferente de armar (para o caranguejo ficar mais na boca da toca; ou no interior)? O que é feito diferente?

Questão geral (8): Tem hora para voltar?

Questão de apoio (8): O que influencia o tempo de permanência no mangue (tempo, maré, responsabilidades em terra...)?

Tirando o lacinho

Questão geral (9): Como tira o caranguejo do laço?

Questão de apoio (9): E se o caranguejo está preso, difícil de tirar? O que faz?

Questão geral (10): Quando a armadilha falha? O que é feito?

Questão de geral (11): Acontece de errar (pegar miúdo ou fêmea)?

Questão geral (12): Se fosse liberado daria para trazer o laço de volta?

Questão de apoio (12): Tem como reaproveitar o laço? O que faz com o resíduo?

PASSO 3 – Manguezais

Procedimento: Levar as tarjetas prontas com os manguezais, mas não apresentar para não tendenciar as respostas. Perguntar quais manguezais são mais utilizados. Distribuir bolinhas adesivas de diferentes cores para serem coladas nos mais utilizados, e aqueles que são mais utilizados por homens e mulheres. ****Importante saber os motivos dos mangues serem citados****

Questão geral (13): Qual mangue pesca caranguejo?

Questão de apoio (13): Como escolhe o mangue (quem escolhe)?

Tem mangue que não dá para pescar? O que é um mangue bom?

Como é um mangue ruim (obs: atentar para os seguintes itens: condição de trabalho, distância, caranguejo “miúdo”, pouco caranguejo, fiscalização... Caso não apareçam, perguntar)

Questão geral (14): Tem algum manguezal que só mulher vai? Ou só homem? Por quê?

Questão de apoio (14): Que embarcação utiliza (motor? Remo)? Quem conduz?